

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE N.º 753 20 c.
Lisboa, 26 de Julho de 1920

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 2\$60 ctv.
Semestre 5\$00 "
Ano 10\$00 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Socorro, 43 — LISBOA

A delicada pele das senhoras

resente-se muito com o vento, com o sol ou com as mudanças de temperatura e de clima.

Usando, porém, o

Crème de Rosas

que é um maravilhoso produto de beleza, ficarão defendidas d'esse perigo, conservando a pele clara, viçosa, macia, livre de manchas, asperezas, queimaduras, etc.

Produto de venda colossal



Após o crême, devem passar pelo rosto uma nuvem de

Pó d'arroz "Maria"

produto só comparavel aos melhores do estrangeiro, in-nissimo, garantido, de perfume agradável, que pôde usar-se com toda a confiança. Ha em todas as côres.

Preferido por todas as senhoras portuguezas vendem-se em todo o Portugal centenas de milhares de caixas!

A' venda na

Perfumaria da Moda, 5, rua do Carmo, 7

o mais artistico estabelecimento de Lisboa e nas farmacias, drogarias e mais importantes casas da especialidade em todo o paiz, ilhas e Africa. Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a *AYRES DE CARVALHO, rua Inês, 31, séde dos escriptorios e fabrica.*

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



FOTOGRAFIA BRASIL

Retratos de Arte

A melhor e mais concorrida casa no seu genero.

Optima instalação

R. da Escola Politecnica, 141



ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TIBICA

Todos os Medicos proclamam que

• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)

• XAROPE • de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 753

Lisboa, 26 de Julho de 1920

20 Centavos



A cantora portuguesa D. Cacilda Ortigão que acaba de regressar de uma «tournee» triunfal pelo Brazil.

ronica



FEBRE aguda do urbanismo, tornando Lisboa pletórica de desvaídas gentes, não nos permite notar, como outrora, em pleno verão, o exodo annual dos que procuram novas energias e distrações novas longe do bulício ensurdecedor e do empestado ambiente citadinos. Dir-se-hia que o ar salubre das veigas, a grata sombra dos arvoredos, o refrigerio medicinal dos sitios da beira-mar perderam o encanto para os que de lá regressam muitas vezes mais cansados, e mais aborrecidos tambem, do que no momento da partida. Ao findar julho, quando a canicula se avizinha, a capital mantem-se repleta, os hotéis não dispõem de logares, os pontos de reunião mundana continúam concorridissimos, os teatros não encerram as suas portas e, no entanto, as termas, os campos e as praias começam a encher-se de frequentadores antigos e modernos. A população cresceu, porque se deslocou. Os provincianos affluiram aos grandes centros; os novos-ricos, no goso dos seus milhões, embriagam-se com os multiplos prazeres que lhes proporciona a «urbs»; os novos pobres, entregues á angustiosa cogitação dos meios de conservarem velhos habitos, deixam-se, emquanto os não descobrem, ficar deambulando pela rua do Ouro, pelo Chiado, pela Avenida, á espera de que a brisa da tarde refresque os ardores da calma meridiana. E não será, affinal, aqui como dizia um velho escritor, que melhor se passa o estio? Que respondam quantos, á noite, esquecidos da vasta planura liquida do Tejo, maravilhoso e deserto, se amezendam ás portas dos cafés, emborcando cervejas e saboreando sorvetes... Horror pela agua ou receio da quadrilha temerosa dos Filhos da Noite, que é agora a preocupação dos proprios diplomatas, segundo se diz? Quem o sabe! Como quer que seja, os paes da Patria, que assim lhes chamavam noutros tempos, passam o verão em S. Bento como se fosse um sanatorio...

FOI-SE até seus patrios lares a senhora duqueza do Porto. Esta americana palida e esbelta, de olhos humidos de lagrimas e flutuantes croupes de vinvez, despertia simpatias no seu amoroso culto funerario por um homem que pagou com os unicos bens que possuía — uma corôa ducal e um apelido principesco — os piedosos serviços, as solicitudes inexcediveis, os maternaes carinhos que ella lhe dispensou atravez de uma longa e torturante doenca e de um longo e cruel abandono. No seu exilio de Italia, D. Afonso de Bragança não teve mais ninguém que lhe suaviasse os derradeiros dias da existencia. Ella foi o braço e a muleta do paralitico, a sua leitora, a sua secretária, a sua enfermeira. Ella lhe cerrou os fatigados olhos azues que, espraiaandose na bata de Napoles, assim curtiam sandades da terra onde nascera... Ella, para regularisar uma situação que as consciencias escrupulosas reprovariam, aprendeu o catecismo e converteu-se á fé catolica. Ella o amortalhou e trata de o trazer para junto dos seus maiores... Quem se indigna? Os que, quando o infante atravessava as ruas

de Lisboa, na vertigem do seu automovel, ou guiando as suas obedientes mulas, lhe voltavam as costas; os que o alcunharam de «Arreda» e faziam pouco das suas curtas letras e da sua aversão pelos palacianismos; os que nunca se importaram com as agruras da sua solidão e os apertos da sua bolsa, esses todos que se proclamavam, não obstante, devotos strennos da realza... E sabermos nós que muitos dos que negam á viuva de D. Afonso de Bragança o direito de usar um titulo, que era o de seu marido, hoje se condecoram com alcunhas nobiliarquicas, em plena Republica, havendo-os que as usam só porque casaram com a viuva de um barão ou porque seus paes foram sobrinhos-netos de um marquez?

DIZ-SE que a Hespanha nos leva tudo! Pela aberta e mal guarneçada fronteira, a despeito da vigilancia da guarda fiscal, que não chega para toda ella, somo-se o gado em manadas e rebanhos; vão-se as galinhas e os ovos; desaparecem os fructos da terra; escoam-se a prata e o cobre e ameaça retroceder a propria corrente do Douro... Em compensação, a Hespanha já nos manda a sua literatura, que se não via nos mostruarios de Lisboa e que ora os inunda, em belas e caras edições, pois que a peseta atingiu um preço sem precedentes. A Hespanha envia-nos o seu teatro, que é do mais aplaudido nos nossos palcos. A Hespanha brinda-nos com a sua arte, admirada na exposição dos humoristas em S. Carlos e naquêle deslumbramento de loques valencianos que Lino Ferreira expõe na sua casa da rua do Ouro. O mais adoravel adorno feminino, o mais prestante utensilio das mulheres na cultura dos disfarces, das galanterias, dos amos, das tentações, dos sortilegios para vencerem, desorientarem ou repelirem o cortejador, foi, é e será sempre o leque, jámais destronado e cada vez mais belo. Os especimenes que Lino Ferreira recebeu de Hespanha atestam maravilhas de concepção, de graça e de execução jámais vistas, constituem verdadeiras obras de arte e cada modelo produz um tamanho encantamento que bem se justifica o desfile de Lisboa por diante d'elles e o empenho com que teem sido disputados. Só um embarço surgirá para quem os apeteecer: o embarço da escolha emquanto houver por onde escolher!

A imperatriz Eugenia, que viveu quasi um seculo e teve a dita de morrer no paiz que lhe foi berço, não quiz escrever as suas memorias e deixou expressa a declaração para evitar que surjam os apocrifos. Fez bem, fez mal a viuva de Napoleão III? Fica a outros a incumbencia de depurar e fixar a verdade historica e Eugenia de Guzman é uma figura da Historia. Atribuiram-lhe responsabilidades na politica do imperador e na guerra de 70. Teve-as? Outros o dirão, porque ella, voluntariamente silenciosa durante meio seculo, emudeceu para sempre.

Não lhe faltou o tempo para escrever ou dictar e, mesmo que tivesse passado uma esponja pelos factos politicos, as outras reminiscencias bastariam decerto para fornecer á illustre nonagonaria interessante assumto com que enchesse alguns volumés. E não ha literatura mais vivida e mais pitoresca do que a das memorias...



Avelino de Almeida



A MORTE DO STELIO

por Mercedes Blasco

Mercedes Blasco põe hoje á venda o seu novo livro *Vagabunda*. D'esse livro, que deverá constituir um legitimo triunfo e um exito de livraria, damos o inédito comovido que se segue. A edição é da livraria Rodrigues.



meu pequeno mais velho, á falta de alimentos adequados á sua idade, alimentos que ajudassem ao seu crescimento, tornava-se cada dia mais debil, e durante seis mezes, en vi-o morrer um pouco todos os dias. Só se eu fosse cantar para os alemães, o poderia salvar, porque ganharia bom dinheiro e eles então, a sua vaidade satisfeita, nos deixariam sair para um clima mais doce, onde talvez a saúde voltasse.

Mas todo o meu ser se revoltava, ao pensar que havia de resgatar a liberdade por esse preço, que eu, na minha fé ardente no bom direito e na justiça da causa dos aliados, julgava infamante para o meu nome de artista e principalmente para a minha qualidade de portuguesa, esposa de um belga.

Acima de tudo, embora com o coração estafelado, punha a honra das minhas duas patrias, que eu não queria manchar com o meu procedimento. Talvez haja quem me censure por este... exagero, dirão, de patriotismo. Cada um tem a sua maneira de ver.

Depois, de longe, os acontecimentos parecem outros; mas eu estava ali no meio d'elles, sofria por causa d'elles e por causa d'elles ainda o mundo inteiro fóra abalado na sua vida economica e emotiva. Não, eu não podia cantar. Antes a miseria.

E o pequeno tambem, quando lhe contei que para ele se tornar mais forte era preciso que sua mãe divertisse a soldadesca germanica, ergueu para mim os olhos cheios de uma luz febril, estendeu-me as mãos e pedin-me que

não fosse, que não cantasse para os invasores da pobre Belgica, que nos resignassemos, que tivéssemos paciencia. Talvez mais tarde, tudo acabado, a patria reconquistada, elle melhorasse. No entanto, por esse preço, nem a vida queria.

E eu fiquei. Continuava com as minhas lições. O Director da escola do meu Stelio — elle fóra sempre um aluno exemplar — mandava-lhe ovos, de quando em quando. O prior da freguezia de «Saint-Jean», a minha freguezia, e a irmã Josefina, de S. Vicente de Paula, auxiliaram-me tambem na minha santa tarefa, mandando ovos para a creança — o alimento de que ele mais precisava e o mais caro! E iam vê-lo quasi todos os dias, levar-lhe palavras de conforto e esperanza, se bem que esperanza alguma houvesse de o salvar.

!) A estas duas boas creaturas deveu meu filho a paz, a tranquillidade e a resignação angelical com que sofreu a sua cruel enfermidade. Que a religião é ainda o maior de todos os bens de um povo. Sem ella, afundamo-nos no desespero, na descrença e, muitas vezes, no crime.

Ella entretem em nós a esperanza, que nos ampara na luta.

Se não fosse a fé em Deus e n'uma vida mellhor, se não fossem os principios

que bebi no leite de minha mãe e que o seu ensinamento fortaleceu mais tarde na minha alma, como poderia eu ter suportado tantas dôres, tantas injustiças?

Não sou beata. Longe d'isso. Não ando pelas egrejas a resmungar «padre-nossos», como tantas que por lá usam os joelhos e mal saem



MERCEDES BLASCO
Retrato de Bruxelas — 1913.



Mercedes Blasco.
 («Toilette» da «Casta Suzana» — Paris, 1920)
 (Cliché Serra Ribelro).

a porta começam a fazer mal ao seu próximo, calunhando-o e negando-lhe uma coada de pão.

Mas tenho fé na protecção divina e rezo... rezo com a alma.

Da minha caridade não falo. Eles por aí, andam, por esse mundo, os pobres que a mim se tem acolhido, encontrando-me sempre a seu lado, mesmo nos tempos de maior miséria. As bênçãos que de seus lábios tenho ouvido são a melhor recompensa ao meu vício de fazer o bem.

Com respeito aos meus sentimentos religiosos, ha uma nota muito curiosa, que eu guardo na minha memoria, como flor rara em vaso rico.

Depois do armistício, fui atacada uma manhã de um doido desejo de comungar... E' verdade, tambem faço isto algumas vezes.

Levantei-me muito cedo e fui á igreja. A' meza da sagrada comunhão não estava ninguém. Tinha acabado. No altar, um padre com um andar muito profano, se me é permitido o termo, e grandes barbas, dizia a missa. Fiquei intrigada. Seria um missionario? Perguntei a uma velhinha ajoelhada a meu lado.

— «E' o vigario da freguezia, explicou, andou na guerra. Como não está ainda desmobilizado vem aqui dizer missa e veste a sotaina por cima da farda. A barba cresceu-lhe durante a guerra.»

Aproximei-me da mesa da comunhão. Ele viu-me e veio ministrar-me a hostia.

As palavras tinham unção, mas o seu olhar aguerrido e a pele queimada traíam o soldado.

Aquella mão, que agora sustenta o corpo de Cristo, tinha desfechado a espingarda ou acionado a metralhadora.

Foi a sensação mais bizarramente comovedora que tive na minha vida,

Sem ir combater ao campo da batalha, mas combatendo no campo da dignidade, eu tive, como os soldados, um soldado a administrar-me o simbolo augusto do amor de Cristo pela humanidade ingrata.

Patria e religião... Coisas belas!

E o meu filho?... Os remedios faltavam nas farmacias. O leite, a carne, os ovos iam n'um aumento de custo vertiginoso.

O pequeno morria. Morria de fome, que



Mercedes Blasco
 (Paris — Cliché Henri Manuel, — 1912)

não era matar a fome, mas enganar-a apenas, a alimentação irrisoria que eu podia dar-lhe.

E ele sempre a esperar, sempre a falar de quando estivesse curado. A falar dos fatos que estariam largos — tinha só a pele e o osso... dos seus estudos interrompidos, da sua persistente fraqueza.

Dizia-me então muito contristado:

— «Mamã, se eu me curar ficarei sempre muito fraco, creio que não poderei trabalhar...»

— «Não te aflijas, meu filho, respondia-lhe eu, contendo as lágrimas, eu trabalharei para ti.»

Depois, quando vinha a Ernestina, uma excelente rapariga que me limpava a casa, dizia-lhe muito contente:

— «Sabes? eu fico muito fraco, nunca prestarei para nada. Mas a minha mamã disse-me que trabalhava para me sustentar...»

Como era doloroso para mim ouvir estas



Mercedes Blasco. — Retrato atual.
(Cliché de Fot. Fernandes)



Mercedes nas canções portuguesas.
(London Coliseum — 1909).

palavras de esperança sabendo que a pobre creança estava irremediavelmente perdida.

Uma manhã fui encontrar meu filho morto. Mãos cruzadas no peito, olhos abertos, na sua atitude habitual de repouso. Já á porta do quarto, antes de entrar, eu «sabia» que ele estava morto. E' uma coisa vaga, indefinível, o silencio da morte. Silencio que nos góla o sangue nas veias, silencio que se pressente...

Eu «sabia» que ele estava morto.

Mesmo dormindo, sentia-se á porta que estava ali alguém n'aquela quarto. E ele mal respirava já ha dias, mas sentia-se ali alguém. N'aquela manhã não, O grande silencio!

Hoje, ao escrever estas linhas, o rosto contraese-me, os dedos apertam com força a pena, os dentes cerram-se de pavor, ao recordar esse momento horrivel em que fui achar meu filho morto.

N'aquela manhã, a dôr encerrou-se em mim, como n'um tumulo.





Mercedes Blasco na «Princesa dos Dollars».

Nem uma lagrima brotou dos meus olhos.

Eu estava só. Tratei de vestil-o, enquanto estava quente. Compreendem este horror, mães? Enquanto estava quente...

Era a primeira vez que eu vestia um morto, que eu via um morto.

Tinha medo dos mortos. E' uma tolice... mas tinha medo. Tinha medo que eles se levantassem, que caminhassem para mim, e comessem a contar-me coisas da outra vida.

Mas do meu filho!...

Como eu queria que ele me falasse ainda.

A's vezes ponho-me a conversar com ele alto, no meu quarto, a dizer-lhe as minhas magoas, as minhas desesperanças.

Ele era tão bom, o meu filho! Tinha um coração de anjo. E melhor foi para ele ir-se d'este mundo egoista e máu, que o não compreenderia, como não me compreende a mim.

Eu quiz ser sósinha na minha lugubre tarefa.

Quando o levantava para enfiar-lhe o fato, a cabeça balançava como florita murcha na haste.

Dentro do peito chocalhavam líquidos...

Que tragedia que é a morte!

Puz-lhe o seu fato do domingo. Tudo foi bem até ao casaco. Os braços não entravam nas mangas.

Eu não queria forçar, tinha medo de lh'os partir. Lá foi para a cova em mangas de camisa.

Ainda hoje me persegue esta idéa. Tanto frio, tanta neve no inverno em cima da sua sepultura... Não terá ele frio?

Como isto me atormenta ás vezes. Eu sei, sim. Eu estudei. A sciencia diz que tudo acabou, que nada se sente apoz a morte.

A sciencia diz... mas as mães acreditam lá n'essas coisas.

A sciencia diz... e o meu coração duvida. Terá ele frio?



Mercedes Blasco, n'uma revista parisiense.



A FESTA DO PARQUE DAS LARANJEIRAS

No Parque das Laranjeiras propriedade da sr.^a Condessa de Burnay, realison-se a festa que uma comissão de senhoras de sociedade organison e cuja realisação exceden toda a espectativa. Compunham a comissão as sr.^{as} Condessas de Burnay, Sabugosa e Murça, Marquiza do Lavradio, D. Maria de Len-

castre Van-Zeler, D. Sofia de Melo Breyner (Mafra) e D. Tereza de Melo e Castro de Vilhena.

A sr.^a D. Madalena de Martel Patrício adaptara o «Sonho do Estatuário» sobre o «Encanto de uma hora» de Jacinto Benavente e que decorren curiosissimo, finalisando entre os maiores aplausos da



1. Da esquerda para a direita, primeiro plano, sentadas: Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Joana Arrolo Trick, D. Maria José Arrolo Trick e D. Maria Tereza de Moraes Amoedo. Segundo plano, sentadas: Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria Pedilla e D. Maria Izabel Burnay de Melo Breyner (Mafra). Terceiro plano, em pé: Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria de Lourdes Ferreira Pinto Basto Moreira da Sá, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria da Conceição de Melo Breyner (Mafra), D. Maria do Carmo de Melo Breyner Gabriel da Camara (Helmonte), D. Carmen Pacheco Burnay, D. Ana de Goita Colaço, D. Antonia Zarco da Camara (Ribeira Grande) e D. Maria Leonor Reis.—2. Um aspecto da assistência.



ve sentir-se contente pelo brilho que as festas revestiram e pelo que de saudoso e encantador tiveram. Também o parque do fidalgo artista não podia reviver sem que a sua evocação não fosse uma festa de arte, d'aquela arte irisada e subtil, punhos de rendas e «charme» encantadora que sendo o encanto das festas é a razão de ser da existencia. Que seria da vida se não fosse a Arte e a fantasia! Que seria de ambas se não fosse a Mulher!



O Sonho do Estuário
Poses diversas

assistencia, que era o que de mais distinto ha entre nós, nas artes, nas elegancias, no corpo diplomatico e na nossa melhor aristocracia. Seguiu-se o chá e os jogos desportivos, terminando a festa pelo bailado do «Sonho do Estuário», deixando no coração de todos gratas saudades.

A comissão de-



A gente elegante que se diverte

(«Clichés» Serra Ribeiro)

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

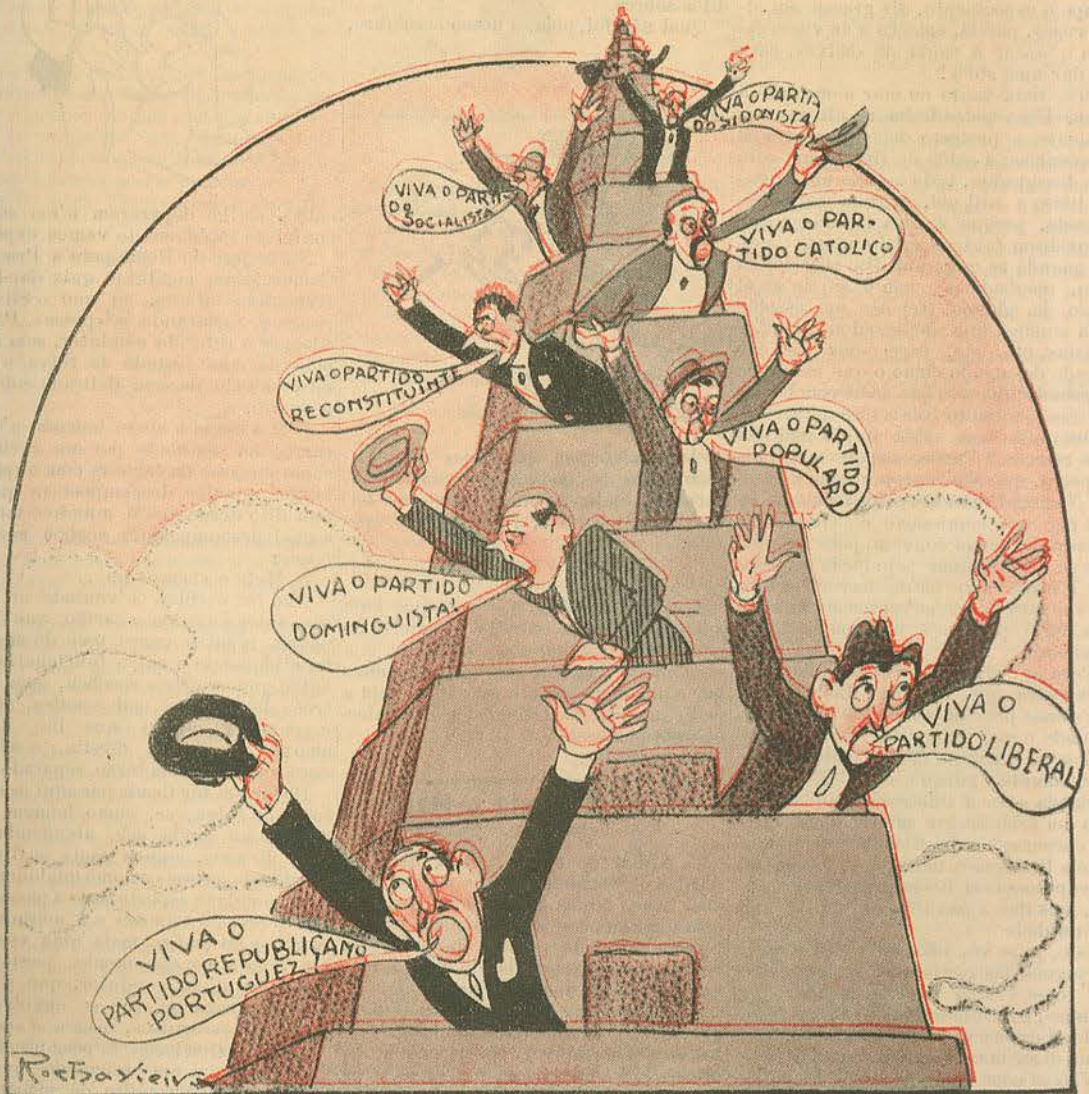
Propriedade de J. DA SILVA ORAGA, Límbo

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

O MOMENTO POLITICO



Torre de Babel...



PALESTRA AMENA

Revistas teatrais

É verdade que todo o bicho careta se julga habilitado a escrever para o teatro essas coisas que se chamam «revistas», de modo que uma pessoa que, para escrever um simples bilhete postal recorre á amabilidade d'um íntimo, que saiba gramática, tem o público em tão pouca consideração que não se importa de lhe impingir asneiras sobre asneiras; mas é também verdade que o mais ignorante dos espectadores, que quando assiste a outro genero de peças se cala prudentemente e não ousa manifestar a sua opinião senão á familia, em casa, quando se trata de revistas, imagina-se crítico de alto coturno, comenta a cada instante o que se passa em scena, interrompe o espectáculo, diz graças em altas vozes, pateia, ameaça e ás vezes espera o autor á saída da «caixa», para lhe dar uma sova!

Ora, nem tanto ao mar nem tanto á terra. Uma pateadinha na altura conveniente, o protesto decente contra as indecências, a saída no fim de um acto que desagrudou, tudo isso se nos afigura licito e útil até, porque serve de emenda, porque é uma lição com que aproveitam futuros exploradores; agora, quando se ouve um dito obsceno da peça, responder-se com outro de igual feitio, da plateia, repetir em assobio uma musica que desagrudou, insultar artistas, etc. etc. parece-nos isso tão grande desmando como o que cometem os pseudo-literatos que escrevem borra-cheiras, contando com a impunidade.

Ora muito bem. Este duplo mal não terá remedio? Parece-nos que tem. Pois as peças, que são representadas no teatro Nacional, não são primeiramente lidas por um commissario do Governo e censuradas como convem, pelo respeito que se deve a uma população civilizada? Porque não ha de haver censura previa para as que se representam n'outros, cujo publico é o mesmissimo do Nacional?

Para as revistas houve em tempo essa censura, que acabou. Mas que não era eficaz provam-no centos de factos, de onde o que haveria a fazer era escolher os censores não na policia, como antigamente, porque o policia não é obrigada a ter a illustração que se precisa em semelhante mister, mas entre as corporações de reconhecida competência litteraria e moral, que fossem tão escrupulosas em litteratura como em moral, pois que a má litteratura... é uma immoralidade.

Isto, já se vê, não quer dizer que o portuguez das revistas e de outras peças fosse Vieira puro; mas dizer «dissesteis», por «dissestes» e outras necessidades d'estas é perverter tanto o publico como dizer larachas indecentes...

Vão-se com esta: um censor, que assista com os cinco sentidos a um ensaio geral, pode valer de muito a autores, artistas, empresa e publico, pois que não é facil que lhos passem desperce-

bidos os disparates em que não faz reparo quem com a peça lida. Se se adoptasse esse sistema talvez, por exemplo, se não dissesse, como um actor diz na alegre revista «Chá e torradas», que os cabritos são filhos dos carneiros...

J. Neutral.

Da «Grã-Duqueza»

Uma das medidas mais sábias que ultimamente teem sido tomadas—além das que hão resolvido, como se sabe, os instantes problemas nacionaes—foi a que tirou os sabres aos guardas nocturnos. O caso passou quasi despercebido do grande publico, mas a verdade é que ha tempos para cá todos sentiamos um bem-estar cuja causa desconheciamos e que não era outra senão a supressão, ou como lhe queiram chamar, dos ditos sabres.

Qual não foi, pois, o nosso assombro,



ao lermos hontem que essas armas tinham sido restituídas aos guardas-nocturnos! Acndiu-nos logo, como ao leitor decerto acudirá, a cantiga da opereta:

Accita o sabre, etc.

E porque acndiu? Não por que haja analogia entre a entrega do sabre do papá, pela grã-duqueza, ao Fritz e a restituição d'agora, mas porque, mais por aqui, mais por ali, isto tudo está a pedir musica de Offenbach e lembra opereta burlesca.

Desculpem...

Cá está o Marques

— Afinal de contas, dizia um dia d'estes o Marques, n'uma roda d'amigos, temos minas de carvão a dar-lhos com um pau: todos os dias os jornais trazem cartas de pessoas da provincia revelando a existencia de minas, que ninguém sabia que existiam.

— Pois sim, mas depois de resolvido o problema do combustivel, ainda ha muitos outros a resolver, observou um dos presentes: a falta de açúcar, por exemplo...

— E quem lhe diz a você, respondeu o Marques, que em Portugal também não ha minas de açúcar para explorar?

Aventuras d'um homem que tinha um «passe»

Era uma vez um homem chamado Silva, que tinha um «passe» dos electricos, pelo que abrigava a convicção de que podia sem inconveniente de muito transportar-se nos referidos vehiculos. Efectivamente, até o mês passado não sofreu desilusão que mereça mencionar-se, sobre tal persuasão, mas logo que quando começou a Companhia dos Carris a não se entender com a Camara Municipal e vice-versa, varios pre-



calços se lhe depararam n'um só dia, conforme rapidamente vamos expôr.

No trajeto do Rocio para a Praça do Comercio um condutor quiz dar-lhe o respectivo bilhete, ao que o Silva se recusou, mostrando o «passe». Passou adiante o referido condutor, sem dizer palavra, mas pisando ao Silva o mais mimoso calo da sua delicada collecção pedestre.

D'af a horas o nosso homem, n'outro carro, foi abordado por um revisor e como puxasse da carteira com o «passe» ouviu a maior descompostura que se tem dito desde que o mundo é mundo, a qual descompostura acabou por esta frase:

— Meta o «passe» no...

Não fez o Silva a vontade ao revisor, antes guardou o cartão, que d'af a pouco, n'outro carro teve de mostrar humildemente a outro funcionario. Foi então que o Silva recebeu, apoz uma troca de palavras mal soantes, aquelle respeitavel murro que lhe deitou abaixo a palmeira direita, conforme vossas excellencias terão reparado.

Poderiam ter ficado por aqui as aventuras do Silva, se, como homem prudente que devia ser, atendendo aos seus 40 anos, nunca mais se tivesse servido do «passe» e como qualquer passageiro vulgar esportulasse a passagem. Mas o Silva é teimoso e á noitinha, ao recolher do teatro, mais uma vez exhibiu o fatídico documento, perante a exigencia d'um condutor, que, depois d'uma refrega em que se envolveram todos os passageiros, rasgou o «passe» e calcou os pedaços a pés, prestando d'essa maneira um assinalado favor ao Silva, que ficou quite do ultimo acidente, com meia duzia de pontos natti-raís e um litro de tintura de arnica em varias regiões do seu precioso corpo.



Encomendas postaes

Diz uma carta, para o «Seculo»:
«Em principios de Março do ano corrente foi-me enviada com a seguinte direcção: Norberto da Fonseca Santos, Cernache, Coimbra, uma encomenda postal remetida por Antonio da Fonseca Santos, Africa Occidental, que ainda não recebi!»

E' boa! Este sr. Norberto vai viver lá para casa do diabo — em Cernache! — e quer que as encomendas postais lá vão ter! Ora mude-se para mais perto da Africa Occidental, se faz favor!

Falta de sêlos

Está claro que a falta de sêlos nos tem causado enormes prejuizos, porque tendo nós muitos predios de casas arrendados, não podemos passar os respectivos recibos aos inquilinos e ninguém é obrigado a pagar senão contra recibo.

Mais ainda. Temos três namoros todos catitas e por falta de estampilhas ha uns poucos de dias que não escrevemos ás pequenas, que devem a esta hora estar desesperadissimas e provavelmente mandam-nos passear.

Ainda outra. Precisavamos absoluta-



mente de que nos passassem um atestado de bom comportamento e não havendo papel selado não se pode passar.

Mas ha mais. Morreu-nos ha dias um tio que nos queria deixar uma grande fortuna, mas não achou tabelião que lhe reconhecesse a assignatura, porque se acabaram os sêlos nos tabeliães.

Não é só isto. Hontem no «restaurant» Tavares não pagámos a conta do jantar, porque esta devia ser-nos apresentada selada e tal não aconteceu.

Não fica por aqui. Quizemos adoecer e provar que por isso não podiamos esta semana trabalhar cá na folha, mas os medicos recusaram-se a passar o atestado, por não haver papel com o selo da lei.

Mas ainda temos mais a dizer—e é que nos vamos habituando á falta de tudo e que não vale a pena uma pessoa ralar-se, porque esta vida são dois dias,

Correspondencia

P. ALMEIDA.—O conto de V. Ex.^a é primoroso. Só lhe falta gramatica, mas isso é o menos. Publique-o em folheto, porque ha-de agradar.

EM FOCO

O carvoeiro

*Desculpe vosselencia esta ousadia
De ir arrancá-lo á sombra bemfaseja
Da loja lá da esquina, onde negreja
E onde bolas e coque me vendia.*

*Quero mostrá-lo aqui, á luz do dia,
Para que toda a gente bem o veja,
Alto heroi da briquette e da carqueja,
Que outro agora não ha de mais valia.*

*E se quer compensar a versalhada
De maneira que vale bem o dobro,
Eu não tenho quantia estipulada*

*Nem dinheiro corrente exijo e cobro:
Amanhã de manhã mando a criada
Por quatro quilos de carvão de sobro...*

BELMIRO.



23 sacas...

Do Porto partiram para Famalicão, em caminho de ferro, 133 sacas com açucar — e a Famalicão chegaram 110. Perderam-se 23.

Moral: quem quizer remeter qualquer encomenda pela via-ferrea, mande mais 6 por conta da porção que deseja que seja recebida. Assim, tudo bate certo.

Estado fosfórico

O estado fosfórico em que ora nos encontramos, isto é, a falta de fosforos, nem por isso tem causado grandes traustornos, o que era de prever n'um paiz onde o fosforo existe em grande abundancia em todos os cerebros.

Em todo o caso, se ha mezes nos dissessem que chegaria uma ocasião em que deixaria de haver fosforos á vendi-



ficariamos assustadissimos e julgariamos o caso de solução impossivel. Afinal vê-se que os tais pavios eram uma excrecencia, uma especie de objetos de luxo, porque bastou que se decretasse a liberdade do uso dos seus varios sucedaneos, para que se reconhecesse... que

metade da população usava isca e fuzil.

E' verdade que a prohibição nunca foi exequivel, visto que até com dois pausinhos se pode fazer lume e não é facil apreender dois pausinhos a quem os traga ocultos. Agora que os deitaram de fóra é que se vê bem porque motivo não havia reclamações contra os fosforos sem cabeça, que eram 90 por cento dos que apareciam no mercado...

Logares selectos

Mais João de Deus—que até parece que escreveu isto hoje.

Trigo nacional

O visconde de Carnixe
Ou visconde de Sernache,
Que sache trigo ou não sache
É o bago xoxe ou não xoxe,
Quer que o publico lh'o chuchoe
Por preço que nunca abaixo!
E com empenho de estuche,
(Porque é visconde e tem coche,
Tem jornal onde desfeche
Artigos a trouxe—mouxe,
Onde mil razões entronxe
E mil sem razões enfeixe)
Este amigo de Peniche
Que quer vender o seu peixe
Fundado na velha praxe
De se taxar a sandwich
E a lampreia de escabeche
(Quem sabe?) talvez que ache
Um ministro que lhe 'taxe
Alimpas a preço fixe!
Pois que o governo despache
E o bom do visconde abiche,
Mas com tanto que nos deixe!
Que nunca mais desembuche!
Ou depois, que se não queixe
De que o povo em massa o rache,
Sem lhe importar que estrebuche,
Ou que as orelhas agache,
Rebite, puxe e repuxe!
Até as arrancar do encaixe!

FELIZÃO!...



— Então, Maria, que comprou na Praça da Figueira com os dez mil réis que levou?

— Só alface para o grilo.

Rocha Vieira

na EXPOSIÇÃO DOS HUMORISTAS



ROCHA VIEIRA, o nosso companheiro de trabalho de todos os dias, expõe na exposição dos humoristas cinco trabalhos, dois dos quaes, «A eficacia da lei» e «O Ideal bolchevista», já o leitor conhece do

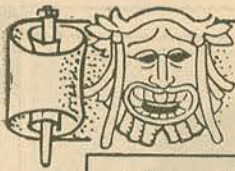
nosso «Seculo Comico», onde ele ha tanto tempo e com tanto brilho publica o melhor da sua produção. Conhece o leitor tambem ha muito o artista da cabeça do pae «Seculo», onde ele todos os dias ironisa e desenha, e de ha muito o aprendem a estimar. E conhece-o tambem da «Ilustração», que ele ilustra com o seu talento de desenhador moderno, artista inteligente, mestre na arte de dispôr uma gravura ou de desenhlar um titulo como é. Dos cinco trabalhos que expõe, tres são absolutamente ineditos. «De prevenção» é uma galeria de figuras policiaes, do melhor que no genero se tem feito. «Sorriso» um bebado que em extasi visiona delicias e «Acanhamento» um ridiculo de ruas que tem graça e a que falta a ofensa. Rocha Vieira é um trabalhador honesto, um artista integro que só merece considerações. De todos os expositores humoristas destacamos a obra do nosso camarada. E' um acto de justiça que muito nos apraz praticar.



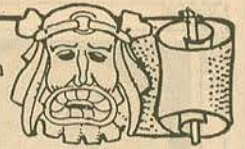


Acanhamento — Sorriso — De prevenção — Rocha Vieira.

(«Clichés» Serra Ribeiro).



Pelos Teatros



“Chá e Torradas”
NO
Teatro da Trindade

“Sol e Moscas”
NO
Teatro S. Luiz



ANGELA PINTO



«Brochado» (compère)
Alberto Ghira
«Letra»
Julleta Rodrigues



No Teatro da Trindade estreou-se a revista em dois actos «Chá e Tor-

radas». Original de dois escritores portunenses bem conhecidos no nosso meio teatral, autores

de a
«Miss
Diabo»
e ou -

tras peças felizes. Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, a revista d'agora

é sob todos os pontos de vista felicissima. Tem musica alegre, facil, d'aquella musica que fica no ouvido, se trautea e breve é moda popular; tem piada fina, ironia suave e beliscante e tem scenario, guarda-roupa e desempenho tudo capaz de entontecer um sibirita.

Ha numeros que são os grandes numeros de revista, como o «Pau para toda a colher», «Os novos ricos», o «13 de Fevereiro», «Ser português», o «Vate moderno», a «Data de datas» e outros que pelo interesse são inumeraveis.

Depois o «Chá e Torradas» tem o concurso de Angela Pinto, a grande atriz de sempre, de Emilia de Oliveira, correctissima e impecavel, de Zulmira Miranda, linda voz e linda atriz, de Julleta Rodrigues, inimizavel nos fados e nos numeros populares.

Tereza Taveira, e os ultimos serão os primeiros, tem numeros que são verdadeiras creações.

Quanto ao elemento masculino, Ghira faz o «compère».

Sabem que o popular actor tem um tipo de «compères», que é muito sen e que é por isso muito original.

Angusto Machado, Dubini, Alfredo de Sousa, Gabriel Pratas e os outros são impagaveis e incansaveis.

Tu leitor não viste ainda, por acaso, o «Chá e Torradas»?



«Maria da Fonte»
Emilia de Oliveira



«Agua pé», «Vinho maduro» e «Vinho verde»
Julleta Rodrigues, Maria Clementina e Elvira Costa



«Comentario fadista»
Zulmira Miranda



«Agenda»
Marta Lagôa

Pois é uma falta grande de que te deves penitenciar.

Boa crítica, inofensiva, risonha e franca, e até a noção da patria posta nos versos candentes que Angela recita, quer no «ser português», quer na Filipa de Vilhena, portuguesa de lei, de antes quebrar que torcer.

O episodio da grande portuguesa armando os filhos cavaleiros, aparece ali vivo e cheio de fé rejuvenescedora.



«O Abslnto»
Cremilda Torres



«Turcato Matos»
Alfredo de Sousa

Ainda ha a contar que o «Chá e Torradas» prima pela ausencia da pornografia soez, que é prato obrigado nos tempos deliquescentes de teatro que correndo vão. Por isso, por todas essas virtudes, mereceria registro especial quando por outras a tal não tivesse jus.

Emfim a revista da Trindade, tornada já popular, é uma das boas peças que hoje sobem nos teatros lisboetas.



No teatro de S. Luiz subiu o «Sol e Moscas».

E' uma revista que tem numeros curiosos,



«O Chá»
Rosalina Sayal

«13 de Fevereiro»
Gabriel Pratas



«El-rei D. Tubarão D»
José Dubini



«Os novos ricos»
Tereza Tavelra e Gabriel Pratas



«Turcato Matos», «Carnelro» e «Brochado»
Alfredo Sousa, Augusto Machado e A. Ghira
(Clichés da Foto-Gonçalves)

musica facil e um desempenho harmonico.

A revista, que tem agrada-do, tem como figura principal da sua interpretação o popular actor Henrique Alves, ha pouco regressado do Brazil.



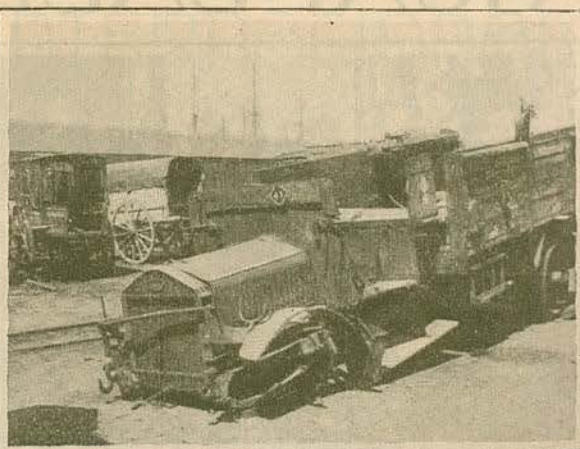
O popular actor Henrique Alves, no papel de «Jeremias Catavento», da revista «Sol e Moscas». A atriz Clara Baptista nos papéis, «A creada» e «A hespanhola», da revista «Sol e Moscas». O terceto da «Canção dissolvente», da revista «Sol e Moscas», Clara Baptista, Fernando Pereira e Alice Rodrigues.

Jorge Grave, um dos seus au-tores, é tambem com Irene Grave quem mais relevo lhe dá. Scenarios ricos, deslum-brante guarda-roupa, a revista do S. Luiz deve conservar-se ainda longo tempo no cartaz.



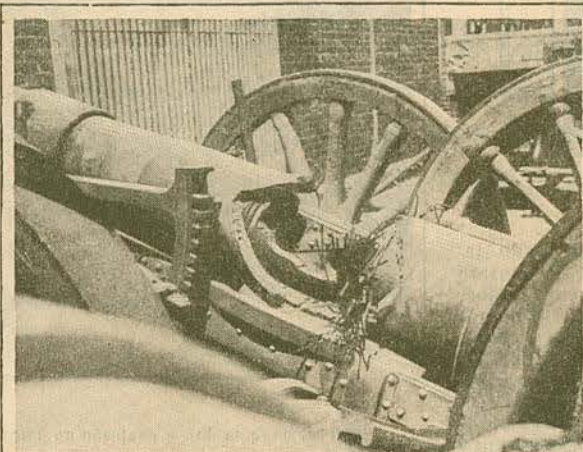
Restos do C. E. P.

O que chegou de França
e está no Caes da Des-
infeção. Os gloriosos
trofeus do 9 de Abril.



Um camião despedaçado

VINDO de França chegaram ao caes do Posto da Desinfeção, onde formam montanha, os restos do material de guerra do C. E. P., restos que testemunham o quanto valen a intervenção na guerra dos portugueses. Ha ali automoveis e camiões rebentados, alanhados, que tiveram a sua derradeira hora nas estradas interminaveis da Flandres. E ha peças, grandes canhões da artilharia pesada e escavacados, explodidos, ferro que



Restos do 9 d'Abril.
Artilharia pesada que fez fogo até rebentar

parece brinquedo de creança cortado pela violencia do fogo como se tivesse sido cortado á tesoura. As nossas gravuras mostram o que foi o 9 de Abril, porque todo aquele material são os despojos gloriosos e o seu grande espolio. Combate de uma violencia sem nome, nele os portugueses souberam honrar o nome da patria. E embora vencidos pelo numero nem por isso essa pagina da Historia deixa de irradiar brilho e gloria.



No caes da Desinfeção — Material de guerra reduzido a sucata.

(Clichés Serra Ribeiro)

ATUALIDADE



S. P. dos Anímaes.
Alguns dos condecorados e assistentia,
Dr. Pedro de Matos.



que de mais importante durante a semana se passou.



O jornalista portuense Emídio de Oliveira

ALEM do barbaro assassinato do dr. Pedro de Matos, morto ao entrar para sua casa e da morte do jornalista portuense Emídio de Oliveira, houve na Camara Municipal a sessão solemne para a entrega dos diplomas e medalhas da Sociedade P. dos Anímaes e na Legação de França a festa de 14 de julho. Isto com o desastre na pedreira do parque Eduardo VII constitui o



O local onde se deu a explosão no Parque Eduardo VII.



A colônia francesa na legação de França solemnisando o aniversário da tomada da Bastilha.

«Clichés» Serra Ribelro).

1841

1920

AGENCIA INTERNACIONAL

DE

INFORMES COMERCIAES

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

248 SUCURSAES NAS CINCO PARTES DO MUNDO

79 anos de existencia

Unica agencia de Informes Comerciaes que possui
DOZE SUCURSAES proprias na Peninsula:

BARCELONA . — *Calle de Bilbao, 198*
BILBAO — *Calle de la Estación, 5*
LISBOA — *Rua do Comercio, 103*
MADRID — *Calle Nicolas Maria Rivero, 8-10*
MALAGA — *Alameda de Wilson, 19*
MURCIA — *Plaza de Cetina, 2*
PORTO — *Rua do Almada, 10*
S. SEBASTIAN — *Calle Garibay, 22*
SEVILLA — *Calle Cánovas del Castillo, 14*
VALENCIA . . . — *Calle de Sorni, 2*
VALLADOLID — *Calle de la Constitución, 7*

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**

Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colomias

1920

1841

TENDES AINDA ALGUMA DUVIDA SOBRE
A SUPERIORIDADE DA MAQUINA DE ESCREVER

WOODSTOCK

?

EXPERIMENTAE, E
SEREIS O PRIMEIRO
A CONFESSA-LO...



TELEFONE
CENTRAL
4190
TELEGRAMAS
WOODSTOCK

VENDEDOR EXCLUSIVO
PARA
PORTUGAL E COLONIAS

J. GONÇALVES
RUA DO AMPARO, 66-3º
LISBOA

Deposito geral no PORTO: Consul-
torio Dentario J. Matos, Rua Sá
da Bandeira, 235. — Em LISBOA: E.

TONIKIM
O ALIMENTO E JUVENTUDE
DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, P.
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Aven-
ida Central. — No BRAZIL, PARA:
A. Matos, Rua Padre Prudente, 08.

P-2597—4 x 6 inches—J. R. Kay Co.



O meio Mais Simples

O meio mais simples e
pratico para polir e preser-
var as superficies acabadas
é usar a Cera Preparada
de Johnson com um panno.
Não precisais de brochas,
borrifadores nem limpa-
dores. Basta que ap-
liqueis a cera com um
panno e que depois a esf-
regueis com outro panno se-
co.

Esfregando levemente a superficie podeis
obter um polimento lustroso muito bello e
de grande duração.

CERA PREPARADA DE JOHNSON

é mais do que um polimento. É tambem um maravilhoso preservativo,
porque forma uma pellicula delgada protectora que preserva o acaba-
mento de uma maneira muito satisfactoria.

Usai a Cera Preparada de Johnson para polir todos os vossos trastes
de casa, obras e chãos de madeira. De esta maneira augmentareis a
duração e a belleza do verniz, cobrindo todas as arranhaduras da
superficie.

A Cera Preparada de Johnson pode ser obtida na forma liquida ou de
pasta—a pasta para polir os chãos, as obras de madeira, os encerados,
os azulejos, etc.; em forma liquida para polir os vossos moveis, obras de
madeira, automoveis, etc. Comprai ao vosso commerciante a Cera Pre-
parada de Johnson e começai a disfructar do meio mais facil para o fazer.

S. C. Johnson & Son
RACINE, WIS., E. U. A.

Companhia de Seguros GARANTIA

Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edifício proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro
de 1918 — Esc. 6:579.529\$26

Dividendo distribuido idem —
Esc. 1:394.000\$00

CAPITAL MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)

Effectua seguros terrestres, agricolas,
industriaes, de automoveis,
trespasses, maritimos e de minas.
Seguros de vida (em organização).

AGENTES:

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

ASTHMATICOS
Desanimados !

o Pó
DE ABYSSINIA
EXIBARD

Sem Opio nem Morphina.

ALLIVIA
instantaneamente
Cada anno milhares de doentes

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{ie}.
6, Rue Dombasle, Paris.

Casamentos

Desejam consorciar-se uma senhora viuva, de 42 anos, bonita, elegante e instruída, muito digna e de finíssimas qualidades domésticas e sentimentos mores sendo possuidora de uma solida fortuna no valor de 92 contos e igualmente Rapaz 31 anos pequena fortuna, larga pratica administração quaesquer negocios commerciaes ou agricolas, serio casaria com senhora solteira ou viuva sem filhos tenha melos. (Resposta com selo) M. CLUB OF NEW-YORK PORTO.

Vêr na proxima quarta-feira o

Suplemento de Modas & Bordados (100 SECULO)

Preço 10 centavos

**Consultorio
Psico-magnetoterápico**

Tratamento das doenças orgánicas, nervosas e mentaes pelo **MAGNETISMO FÍSICO** e pela **PSICOTERAPIA**, auxiliado pelos meios físicos e regimens naturaes, com a completa exclusão de medicamentos ou drogas.

Os que estão pelo desenganados, cansados de sofrer e perdida toda a esperança de curar-vos, lembrai-vos que os meus especiais tratamentos Psico-físico-magnéticos e dietéticos os pode salvar e restituir a vossa saúde por mais antigos e graves que sejam os vossos padecimentos.

Dr. Indiveri Colucci

T. C. JOÃO GONÇALVES, 20, 2.ª, Esq. — Esquina A.
Almirante Reis (ao Intendente).

**TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS**

fazem-se nas oficinas da **"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"**
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

ELIXIR, PÓ, PASTA E SABAO
DENTIFRICOS DOS RR. PP. BENEDICTINS
de SOULAC
Incomparaveis, Superiores
a todos dentifricos conhecidos

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL: A. VINCENT, Rua Ivens, 56, LISBOA



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPES, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

**PULMO SERUM
BAILLY**

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

- A tosse socega-se immediatamente.
- A febre desaparece.
- A oppressão e as punçadas nailharga socegam-se.
- A respiração torna-se mais facil.
- O appetite renasce.
- A saúde reaparece.
- As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA DO CORPO MEDICO FRANCZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY
15, rue de Rome, PARIS



O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambruse, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 1000 reis, 2500 e 5000 reis.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 às 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Limão da crua d'Alegria, prédio esquina)

VEJA-SE V. EX.^a A ESTE
— PEQUENINO ESPELHO —
ANTES DE USAR OS PRO-
DUCTOS DA “ACADEMIA
SCIENTIFICA DE BELEZA”
QUE HA MUITO TEMPO
— IDEALISAVA.



CONSEGUIRÁ SER ESBELTA
E SENTIR-SE-HA A RAINHA
DA BELEZA DEPOIS DE CON-
SULTAR “MADAME CAM-
POS” E DE EXPERIMENTAR
— OS SEUS ACREDITADOS —
— PRODUCTOS DE BELEZA.



Pedir em toda a parte *Água,*
Crème e Pó d'Arroz Rainha
da Hungria e todos os Produc-
tos de Beleza e Higiene prepara-
dos por

Madame CAMPOS

*Laureada pela Escola Superior
de Farmacia
da Universidade de Coimbra,
Directora da*

“Academia Scientifica de Beleza”

Ávenida da liberdade, 23

TELE } FONE 3641
 } GRAMA BELEZAK

Os Productos d'esta Academia foram pre-
miados com a CRUZ DE MERITO e ME-
DALHA DE OURO na Exposição de Mi-
lão de 1920.